

Israel e as acusações de estar a cometer genocídio

Publicado em 2025-09-20 20:17:21



O que é (e o que não é) um genocídio: Israel e Gaza no banco da lucidez

Francisco Gonçalves

Setembro de 2025

"Genocídio": uma palavra com um peso histórico terrível

Desde o Holocausto nazi contra os judeus europeus, passando pelo massacre dos tutsis no Ruanda ou o extermínio dos armênios pelo Império Otomano, o termo **genocídio** carrega consigo uma carga histórica, moral e legal avassaladora.

Mas nas ruas, nas redes sociais e mesmo nos palcos diplomáticos, **a palavra tem sido usada de forma abusiva e**

politicizada, especialmente no contexto da guerra entre Israel e o Hamas, na Faixa de Gaza.

O que diz o Direito Internacional?

A definição formal de genocídio vem da **Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio (1948)**:

“Qualquer ato cometido com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso.”

Inclui:

- Homicídios sistemáticos
- Causar danos físicos ou mentais graves
- Impor condições de vida destrutivas
- Impedir nascimentos
- Transferência forçada de crianças

O que distingue o genocídio de outros horrores de guerra é **a intenção deliberada de aniquilar um povo pelo que ele é.**

Israel e Gaza: a situação à lupa

Desde o ataque terrorista do Hamas em 7 de Outubro de 2023, em que mais de 1.200 israelitas foram mortos e centenas raptados, Israel respondeu com uma ofensiva militar de larga escala sobre Gaza.

Os números de mortos civis são chocantes. O sofrimento humanitário é real. Mas isso, por si só, **não constitui genocídio**.

Israel afirma actuar contra o **Hamas**, que:

- Governa Gaza desde 2007 sem eleições
- Se esconde entre civis
- Utiliza escolas, hospitais e mesquitas para arsenais
- Tem como objectivo declarado a destruição de Israel

Israel, por sua vez:

- Afirma visar combatentes
- Cria corredores humanitários (embora nem sempre eficazes)
- Notifica ataques com antecedência

A banalização do termo "genocídio"

Muitos usam a palavra "genocídio" para expressar uma emoção justa — a revolta perante o sofrimento humano. Mas isso **não pode substituir o rigor legal e histórico**.

A banalização do termo **retira peso aos verdadeiros genocídios**.

- Não há câmaras de gás
 - Não há campos de extermínio
 - Não há provas de intenção sistemática de erradicar o povo palestino
-

E o Tribunal Internacional de Justiça?

A África do Sul levou um caso contra Israel ao TIJ, acusando-o de genocídio. O processo **foi aceite para análise**, mas **ainda não há decisão de mérito**. A maioria dos peritos em direito internacional considera **fraca a argumentação jurídica da acusação**.

Conclusão

Israel está envolvido numa guerra dura, sangrenta e trágica. Muitos civis inocentes morreram e o sofrimento do povo de Gaza é incontestável. Mas **genocídio é algo diferente**.

Usar essa palavra de forma leviana é perigoso.

- **Desinforma.**
- **Distorce a verdade histórica.**
- **Enfraquece a luta contra os verdadeiros genocidas.**

Devemos exigir responsabilidade, investigação internacional e apoio humanitário. Mas também **devemos preservar o sentido das palavras**. Porque, como dizia Orwell, "à medida que a linguagem se corrompe, a civilização vacila".

"O sofrimento humano deve comover, mas não deve ser usado como arma de propaganda."

Francisco Gonçalves

Publicado originalmente em [Fragmentos do Caos](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)